

O EVOLUCIONISTA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Redactores:—Pedro Affonso Junior, Francisco Raphael Mendonça Junior

ANNO I

S. Paulo, 11 de Maio de 1888

N. 1

SUMMARIO

Expediente
Cartão de visita . .
Pele Academia . . FRANCISCO RAPHAEL
Ciúmes de um cão. P. AFFONSO JUNIOR
Eu e tu (poesia). ARTHUR D'ALMEIDA
Poesia nacional. MENDONÇA JUNIOR.
Treva na luz (soneto). OSCAR ROSAS.

EXPEDIENTE

Acceptamos assignaturas pelo preço de:
Trimestre 1\$500
Pagamento adiantado.
A redacção desta folha está situada a rua dos Bambús, 46.
Esperamos brevemente augmentar o formato, tornando-o duplo do actual.
Consideramos assignantes aquellas pessoas que recebendo este periodico não nol-o devolverem.
Agencias:
Café de Java.
Charutaria da Fosca.
Charutaria X. P. T. O.

O EVOLUCIONISTA

CARTÃO DE VISITA

No dominio do Cognoscível vasto é o patrimonio actual da Humanidade—patrimonio que representa o labor titanico de dezoove évos de luctas.

D'esde o dia memoravel em que os principios da kharidade, da liberdade e da igualdade foram proclamados com o sangue de um heróe, que, numa epokha de obscurantismo, entre um povo ignaro, morreu pelas ideias cujo lábaro desfraldára,—desde esse dia o Homem, em todas as espheras da vida, emancipouse e a lucta pelo saber recommçou, orientada por novos phanaes.

No mundo, porém, do Inocognoscível, na determinação das ideias primarias e finaes, mesquinhas são as conquistas do Homem; essa lucta que teve o seu inicio desde o primeiro alen-

to da Humanidade, que é a convicção da Humanidade—veiu do homem do silex, da idade da pedra—acha-se ainda no estado infantil.

O Homem sentiu sempre uma atracção para essa ordem de ideias e, á proporção que a sciencia evoluia, ia explicando-as.

Assim no estado rudimentario do saber humano, quando a khimica era a alkhymia, quando o Oceano era povoado de monstros fabulosos e governado por Neptuno, tudo se explicava pelo maravilhoso—d'ahi a vastidão do Pretersensível e a area restricta dos conhecimentos a posteriori.

Mas a esphera do Cognoscível foi se estendendo á proporção do decorrer dos tempos, passando pelos cyclos theologico e metaphysico, comtudo o Homem hodierno ainda não decifrou o cryptogramma das ideias primarias e finaes.

Quer a Religião, quer a Sciencia têm pretendido explical-as: a primeira symbolicamente, a segunda por inducções e deducções cujas premissas são quasi sempre oriundas da Metaphysica.

Depois de tantas luctas seculares, cujo inicio o pó dos tempos obliterou, o Homem hodierno—o Homem do vapor e da electricidade—acha-se descrente.

Todos os seculos tem uma doença—o nosso, como se sabe, soffre de nevrose.

A vastidão enorme da riqueza intellectual as conquistas da industria, ensoberbecem a Humanidade, e os hieroglyphos do Ultra observavel são o alvo onde vão chocar-se todas as iras; todas as ancias accumuladas durante milhares de seculos.

Mas, a inutilidade de seus esforços aconselhou á Sciencia o abandono de tal empreza e o positivismo inglez, imagem dessa

convicção da Humanidade—veiu nos dizer francamente, decidindo em ultima instancia:

«Não procureis a explicação das ideias primarias e finaes: é esforço vão, do que devemos estar convictos pelo mallogro dos systemas metaphysicos e religiosos, desde a civilização indiana até hoje. Contentemo-nos com o que é experimental e deixemos que a Religião se aventure, sem o fio de Ariadne, no dedalo do Pretersensível».

Mas nem todos ouviram este conselho e lançando se nas pégadas de Ch. Darwin, Buchner, Virchow e o Moleschott, foram buscar na hypothese da geração espontanea uma explicação, e, como a poucos ella satisfizesse, o resultado é este esado de pessimismo, de nevrose, de scepticismo de que é imagem o pregador da morte—Schopenhauer.

Saídos deste meio hodierno de ancias, nós, pequeno atomo desconhecido, procuraremos fugir á doença actual; riscando de nossas locubrações o Pretersensível, deixar-nos-emos guiar pela lei da evolução, caminhando passo a passo com o positivismo inglez.

A lei da lucta pelo alimento, ou, como diz Darwin, pela vida, que tem como corollario logico a selecção natural, isto é, a morte do mais fraco—ameaça-nos, mas iremos buscar a tenacidade na convicção que nos avigora o espirito.

O nosso objctivo é complexo.

Levados pelo vendaval das luctas, entraremos em todas as liças, onde não seja preciso que o combattente arremangue-se e lance mão do vocabulario de que fazem uso as deusas das sentinas.

O anônimo esse microbio canceroso—está extirpado de nosso organismo; portanto aquelles que se julgarem offendidos

nº 1. 418 - 24x33 (17x26)

em seus principios poderão terçar armas com adversario leal, que combatterá de rosto descoberto,

Na discussão de qualquer assumpto tres principios nos orientarão: o axioma que Hegel concebeu e que Comte e Spencer reproduziram—o *kharacter relativo da verdade*; o hemistikhio de Juvenal—*vitam impendere vero*; e a consoladora sentença de Cicero—*Nos ad justitiam nati sumus*.

Em virtude do primeiro não seremos intolerantes, e em virtude dos 2 ultimos encareceremos o merito e a virtude que morrem famélicos, e profligaremos a inutilidade pedantesca e o vicio que se ostenta coberto de gemmas.

As conveniencias sociaes já tem empallecido mais de uma vez essa luzerna que, no fundo das consciencias, projecta um clarão intenso—a Justiça.

Essa flôr que jaz estiolada em tantos corações, iremos buscal-a e dar-lhe-emos luz—muitissima luz, assim como á sua irmã siameza—a verdade.

Sendo a Politica uma rameira cujos beijos, (ao Brazil tão deletérios) todos em nossa patria experimentam, forçoso é que digamos que as tres frções em que aqui elle se fracciona, têm representantes n' *O Evolucionista*; não ha pois solidariedade entre nós neste ponto, assim como em Philosophia e Litteratura.

Na orkhestra immensa da imprensa não é, pois, mais um instrumento que pede ingresso, e sim diversos, cada qual com seu accorde proprio.

Talvez seja um bem porque a uniformidade resente-se de monotonia e a variedade nos alegra.

Pela Academia

Tenho de certeza que todos que me conhecem ao perto, sabem que fui sempre defensor humildissimo da mocidade academica, e aggressor acerrissimo dos seus inimigos; porém isso não obsta a que eu hoje diga a verdade crua, desnudada, inconveniente mesmo.

E sem mais delongas entremos de tratar do assumpto.

De commum, ouvem-se vozes de moços recentemente formados, accusando a decadencia que devora a actual geração academica.

Esses espiritos não sei si diga demasiadamente criticos ou estrouvinhados—commettem uma injustiça grave, gravissima. Eu, a meu vê e no meu altivo desdem, considero-os observadores de graves nadas. E' uma quasi puérilidade provar-lhes a elles o avesso de sua asserção; porque para tal, era de sobejo entrar naquella instituição e assistir, ao fim do anno, os actos que alli se prestam.

Quanto ao fallar-se que allitudo cheira a frade, diremos ao diante; mas, apesar disso, dir-lhes-ei já, de corrida, que isso não passa de uma graça muito insulsa, muito desenxabida, duma *chapa* sediça, surrada, sebacea.

Agora aos academicos.

Estudo mais ou menos assiduo, comprehensão mais ou menos facil, vontade inquebrantavel, forte—tudo são cousas não muiraras entre elles. E o que me leva a assim pensar, suffocando nos gorgomilos a voz duma pleiade de moços, em cujos peitos afflantes já não se occulta aquelle antigo sentimento, e cujas faces, adelgaçadas pela realidade de viver, já se acham voltadas para outras paragens que não as daquellas de que ora fallamos? E' o tratar com elles intimamente, familiarmente; é o ouvir as suas discussões, onde a viveza do espirito rivalisa com os conhecimentos que póde ter um moço, sobre o alvorecer esplendido da vida. Mas qual essa sciencia que tanto elles escarpellam? Oh! E' duro o responder; mas digamolo em boa paz,—é a jurisprudencia. Não censuramol-os, applaudimolos, applaudimolos immensamente.

No largo trancurso dum anno julgamos que podia essa mocidade tão ávida de saber, estudar, sobre as duas materias de cada anno, uma pouca de philosophia e de litteratura.

Dir-me-am quiça que então aprofunde-se as materias do anno com maior aproveitimento.

Não, atalharei eu; porque esse estudo criterioso aprofundado, só poderemos fazer, á volta dos 22 annos, quando a intelligencia tiver attingido ao completo desenvolvimento. (*) Injustiça! estaram elles a bradar: Castello Branco, Alexandre Hereulano, Castilho, Garrett e outros bons, todos são lidos; mas de que modo?

Na Corja vão apreciar não a forma castiça; mas, as lubricidades sordidas de Eusebio Marcario.

No Eurico fanatisam-se por Hermengarda, opulenta de seus grandes teres. Em Castilho o mesmo, em Garrett o mesmo. Porque não lêem os dous volumes da vida de frei Bartholomeu dos Martyres, por frei Luiz de Souza? Não lhes fascina, não lhes attrahe o fundo. Folhear dictionario á procura de propriedade de dizeres, consultar grammatica vernacula, analysar um phraseado classico, nada disso se vê, nada disso se espere. E ai daquelles rarissimos que seguem rumo diverso do sentimento geral! São idiotas, são pedantes, são censurados.

E em philosophia? Aqui detacam-se dous grupos, dos quaes um é metaphysico, o outro materialista (não estamos com o illustrado dr. Barreto que, nas «Tres Philosophias», diz que o materialismo é um systema mathaphysico), e um e outro defende seu systema sem estudar de espaço o contrario.

Alóra estes ha uns tantos mocinhos bonitos, aquem a philosophia é um traste de luxo, os quaes discutem sobre tudo e de nada entendem, como diz Julio Ribeiro.

FRANCISCO RAPHAEL.

(*) Vide Littré, *Idéa de Deus*.

Ciumes de um... cão

Maria é o seu nome, mas os intimos chamam-na, mais meigamente,—Mimi.

Eu ainda creio no *milagre* porque Mimi existe; deve a existência aos cuidados, aos desvelos innarraveis de seus genitores, que conquistaram-na ao *nada* do sepulchro.

Como essas plantas exóticas

para as quaes se fabrica um clima, um ambiente especial, assim tambem Mimi vive em um mundo *todo outro* do que vivemos, em uma athmosphera de amor, de conforto, de bondade, na qual a ma fé, a perversidade é uma khimera

Receiosos de que no ar ambiente houve e substancias deteterias, seus paes tiveram a ideia de, aproveitando-se dos progressos da khimica, fabricarem o ar necessario ao consumo da makhina animal de Mimi, mas não afaço se a executaram.

O moral de uma creatura nessas condições não pôde offerecer duvida: Mimi era phantastica, nervosa, caprichosa, de uma ingenuidade adoravel, igual á de Adão, antes de comer o celebre e saboroso pomo

Tinha caprichos tão extraordinarios que passariam á lenda, se a Historia do Egypto não nos referisse que Cleopatra bebia perolas em taças de inebriante licôr.

De todos os caprichos de Mimi, relatarei, por ser a *chave* desta desprezenciosa narração, o seu amor ideal, ingenuo por um cão.

Era um *king-charles*, gordo como o *Apostolo*, de saudosissima obesidade, manhoso, atrevido, bravinho e caprichoso como Mimi.

Criado a *pão de lot e leite*, aquecido ao contacto mellifluido dos amoraveis olhos de Mimi, o *ladrao* do cão já lograra gozar das delicias ineffaveis dos beijos de sua dona, que, em seus arrebatamentos infantis, olvidava-se de certa decencia. Chamava-se elle Martinho.

E' sabido que o sentimentalismo domina os temperamentos lymphatico e nervoso-hymphatico, ao qual pertencia Mimi.

Aos 15 annos ella começou a sentir cousas que nunca sentira, rubores e pudores sem causa, alegria ou tristeza subita, oppressões, ou então expansões do coração, um desejo de abraçar, de beijar muito, longamente—um beijo que fosse a *crystallisação* de uma vida.

Ella não comprehendia aquillo e tinha pejo de si—mesma sem saber porque.

Uma tarde em que estava sentada em um caramanchel entretida em brincar com o Martinho, olhando de revez, notou que na janella da casa fronteira estava um rapaz, que observava com recolhimento alguma cousa no sólo do lugar onde ella estava; seguindo a direcção do olhar do moço, então percebeu que, sentando-se descuidadamente, mostrava um pé sevilhano e metade de uma perna, como nunca sonhára um mortal, na phrase do poeta.

Ruburizando-se como uma papoula, compoz-se e retirou-se precipitadamente para o interior da casa.

Mas, o espectáculo dessa tarde lançou nos seus actores a fagulha de uma paixão que devia em breve converter-se em lava ardente e devastadora.

Mimi não comprehendera bem o motivo de sua confusão; entretando dous dias depois voltou ao caramanchel e, sem saber porque, desejava encontrar o moço.

Vendo o sentiu, a mal do grado seu, certa a egría e vergonha, porque lembrava-se do occorrido dias antes.

Disfarçando com o Martinho, olhava-o de relance, evitando encontrar o seu olhar, que advinhava estar poisado sobre as duas pombinhas que, tremulas, arfavam pela vez primeira.

Distrahindo-se, porém, e demorando os seus olhos languescidos no moço, encontrou o seu olhar com o delle, que lhe enviou um beijo.

Estremeceu e recolheu-se ao fundo do mirante e ahí entregou-se nas auras da phantasia a um devaneio delicioso, retirando-se em seguida, sem se atrever a olhar de novo.

Dias depois, havendo um sa-rau, em casa de Mimi, o seu amante platonico, que se chamava Alfredo, ahí compareceu.

Declarou-se o Alfredo e obteve auctorisação de pedir a... posse de Mimi, que lh'a foi concedida.

* *

Faltam apenas tres dias para que, no thalamo nupcial, o Alfredo se inebrie dos mais capitosos prazeres, e colha numa

erupção lavosa de beijos, a flor da vida.

Estão sentados naquelle caramanchel onde germinou o seu amor, e fallam sobre esses *nadas* encantadores e futis, que, repetidos ha milhares de seculos, têm sempre um sabor *exquis*.

Repentinamente, levanta-se o Alfredo e, livido, com voz cava, pergunta a Mimi:

—Então tu gostas muito do Martinho?

—Sim, disse Mimi, e o *qu'è* que tem isso?

—E o beijas muitas vezes, inquiriu tremulo o Alfredo.

—E' verdade, respondeu, mas o *qu'è* que v. tem Alfredo?

Alfredo não pôde responder e retirou-se allucinado, terrível.

Mimi não soube o que pensar desta scena e foi relatal-a á sua mãe que por seu turno narrou-a ao marido.

..

O pae de Mimi dirigiu-se á casa do Alfredo, afim de *tirar o negocio a limpo*.

Encontrou o moço exaltado, livido e perguntou-lhe qual a causa do seu procedimento brutal para com Mimi.

—Sua filha não é pura, senhor, respondeu-lhe o Alfredo.

O pae de Mimi, que chamaremos Oscar, levantou-se e, segurando o mancebo pela gola do paletot, disse-lhe em voz breve:

—Explique-se, senhor, ou eu o matto.

—Saiba, pois, redarguiu-lhe o Alfredo, que sua filha me disse que amava o Martinho, que o beijava...

—E que mal ha nisso? perguntou Oscar.

—Que mal ha nisso? e o sr. atreve-se a perguntar-m'o....

Acha então natural que a mulher que vou desposar ame e beije outro moço que não eu?...

—Outro moço! ? disse meio admirado Oscar.

E subito começou a rir, dizendo: agora comprehendendo!

Alfredo olhava-o com commiseración, pensando que o infeliz enlouquecera.

Passado o accesso, Oscar olhou para o Alfredo e disse-lhe:

O Martinho é um caosinho de

ARQUIVO

estimação de minha filha... Então o sr. tem ciúmes de um cão?

Alfredo *cahiu das nuvens* e por sua vez riu-se muito com o *qui-pro-quo*, que tão maus quartos d'hora o fizera passar.

..

Minutos depois estava aos pés de Mimi, e no dia aprasado, uniam-se por toda a vida esses seres, cujo amor começara por uma *brincadeira*.

E dizem que são felizes, muito felizes.

Maio—1887.

PEDRO AFFONSO JUNIOR.

Arthur de Almeida

Não é de um desconhecido a produção que hoje apreciará quem nos lêr.

Os leitores da *Gazeta de Noticias* já têm admirado os accordes enlanguescidos que de sua lyra romantica evolam se, como beijos de amor de um ninho quente e perfumoso.

A' actividade e apidação poetica de Arthur só conhecemos uma cousa comparavel—a sua modestia.

No seu instrumento ha todas as notas; suspira com Lamartine, declama com Danton, ri com Voltaire e Juvenal, canta o sensualismo com Beaudelaire e Musset, mas quem nelle predomina é Casimiro de Abreu, modificado por Castro Alves.

Não é um alegre—é um triste.

Sabemos que isto é defeito, na opinião erudita dos litteratos da *Semana*, mas nem todos (que diabo!) podem ser alegres, e se todos o fossem, a alegria já não seria tal.

E, além disso, Arthur não é *piegas*, não chora, com C. de Abreu, *a capella da virgem, esfolhada no brazeiro da paixão* etc.; elle tem essa tristeza serena dos resignados, dos fortes.

Eis a poesia:

EU E TU

(A PEDRO AFFONSO JUNIOR)

Eu era o viandante do deserto,
A seguir um caminho ignoto, incerto,
Qual da vida o caminhar;
Em meio dessa atroz desesperança
Foste a estrella que trouxe a esperança
Que me veio alentar.

Eu era o navegante, já sem norte
No oceano da vida, vende a morte,
De mim se approximar;
E tu foste o pharol da luz radiosa
Que a terra me apontou á alma anciosa
De ter onde aportar!...

Eu era qual a flôr pendida ao galho,
Que ao sol ia murchando, sem orvalho,
Já quasi a desfolhar;
E tu foste a limpida agua desejada,
Caindo sobre ella, á madrugada,
Fazendo-a vicejar.

Eu era ainda qual o viajante
D'um invio sertão, agonizante,
Sem ter onde beber;
E tu foste a fonte de agua pura
Que ao misero matou tanta secura,
Da qual ia morrer!

Eu era um sceptico, e não eria
Do mundo, em cousa alguma e não podia
No amor acreditar;
E tu foste a imagem esplendorosa
Que surgindo, qual a Venus, vaporosa,
Eu tive que adorar!

Eu era qual um triste con lemnado,
Chorando na masmorra o seu passado.
Porém chorando em vão;
E tu foste um poder, alma bem dita,
Que ao vel-o prantear sua desdita,
Lhe deu a salvação!

Emfim, de minha vida o meu futuro,
Eu via sempre o céu toldado, escuro,
Envolto em negro véu...
E tu foste o anjo, a fada, o encanto,
Que das trevas rasgou o negro manto
Mostrando limpo o céu!

Julho—1885.

ARTHUR DE ALMEIDA.

Poesia nacional

(BOSQUEJOS)

Os diversos passos que tem dado a poesia nacional ligam-se numa ordem determinada e a nova phase que ella atravessa representa o resultado de uma serie de modificações.

Ella toma uma nova orientação, renova-se á luz de idéas mais racionais, mais sãs que determinam o seu verdadeiro fim, dissipando os ultimas fontes das illusões romanticas. As novas idéas já estão bastante espalhadas e acham um poderoso estímulo na espontaneidade com que vão sendo accitadas pelos espiritos cultos. Algumas creações de merito dispõem as intelligencias á rejeição do subjectivismo estéril, e a predilecção que se manifesta pelos estudos historicos do Brazil é indicio, de que ha fontes novas e fecundas de inspira-

ção, é signal certo que a poesia nacional levanta-se do cahos em que se achava, abandonando a região dos *sonhos* para tornar-se estreitamente dependente das condições do *meio*, reflectindo em suas expansões o nosso grau de civilisação, grau de civilisação acompanhando emfim a marcha da evolução do pensamento no Brazil. As produções francamente realistas até aqui comprimidas, por escrúpulos supersticiosos e hypocritas vão tendo publicidade.

Um classe equivoca de poetas verseja entretanto por ahí repisando assumpto sediciosos.

São uns pretenciosos esses poetas; concebem meia duzia de idéas abstrusas, encerram-n'as n'um soneto em linguagem dura, fatigante e monotona e assim conseguem alcançar uma certa nomeada á custa dos louvores de pessoas incompetentes. Sem verdadeira vocação, sem estudos scientificos, sem conhecimentos da lingua, occupam-se de trivialidades, nunca se elevam á altura de poesia.

Que mereçam a execração da critica severa e imparcial em seu *veridictum* eis o nosso desejo.

MENDONÇA JUNIOR.

TREVA NA LUZ

(A PEDRO AFFONSO JUNIOR)

Cheguei do meu passeio: é meia noite!
E vergasteia o frio no meu quarto;
O Crespo leio, de quem não me aparto,
E procuro um soneto onde me acoute.

Não sei o que me diz que não me afoute
Na leitura da qual nunca me farto.
Esse livro molesta como um parto
Que da dôr na mulhier vincula o açoite.

Em frente a um largo espelho onde me
(miro,
Escrevendo, a sonhar, choro e deliro.
Apago a minha luz e apalpo a treva;

E minh'alma pesquisa esta existencia
Que não tem fim, caprichosa essencia
Que se subleza e se subleza:
OSCAR ROSAS.

00517
ARQUIVO—S. PAULO